

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A mulher e a cidade em *Sobrados e mucambos*, de Gilberto Freyre

ANA PAULA LÚCIO DE LIMA

**Natal
2006**

ANA PAULA LÚCIO DE LIMA

A mulher e a cidade em *Sobrados e mucambos*, de Gilberto Freyre

Monografia de fim de curso apresentada como requisito de avaliação da disciplina de Pesquisa Histórica II(DEH 0046) do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sobre a orientação do professor Raimundo Arrais.

Natal
2006

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos vão, primeiramente para Deus, por reger a minha vida e torná-la abençoada a cada dia.

Ao meu pai Marcos, que tanto me incentivou no interesse pelos estudos e junto com a minha mãe Almira, me conferiu uma formação baseada na união da família. Família esta que eu tanto amo.

Ao meu irmão Marcos, e minhas irmãs Cida e Fabiana, que me acompanharam em todos os momentos de minha vida.

A minhas queridas tias, Marly e Terezinha, que tanto força me deram nesta minha caminhada de estudante e as quais eu tanto admiro.

As minhas amadas amigas, Jannaina, por ser a pessoa mais presente na minha vida que tanto amor e companheirismo me conferiu ao longo de nossa trajetória juntas; Kelle, que se tornou uma mãe-irmã; Juliana, pelos inúmeros conselhos; Thalita, por todo cuidado comigo; Márcia, que é minha guia pelos caminhos de Deus.

Ao meu amigo Neto pelas constantes cobranças pelo término do curso e pelo apoio.

A todos os amigos queridos aqui não citados.

Ao meu sobrinho tão amado que tantas alegrias tem me dado e que é a pessoa mais importante da minha vida.

Ao meu querido orientador Raimundo Arrais, pela paciência e pelo apoio nas horas de atribulações.

A todos os professores do departamento de história.

Enfim, a todos os que me apoiaram e aos que não acreditaram também, todo o meu agradecimento e carinho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1. A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE E A HISTORIOGRAFIA.....	08
2. URBANIZAÇÃO E FAMÍLIA NO BRASIL DO SÉCULO XIX.....	19
3. O COMPORTAMENTO FEMININO NO SÉCULO XIX EM “SOBRADOS E MUCAMBOS”, SEGUNDO GILBERTO FREYRE.....	29
CONCLUSÃO.....	41
BIBLIOGRAFIA.....	43

INTRODUÇÃO

A presente monografia, a partir da obra “Sobrados e mucambos” de Gilberto Freyre, analisa as posições da historiografia acerca da participação feminina na história, procurando evidenciar as relações que os historiadores estabelecem as relações entre o declínio do patriarcalismo e o desenvolvimento das cidades, e procurando identificar até que ponto este processo afetou os padrões de comportamento da mulher brasileira e sua relação com o âmbito privado e o público.

Seus estudos sobre a história do cotidiano e suas formas de abordagem das fontes, analisando os dados implícitos da formação da sociedade no Brasil, contribuíram para a renovação da historiografia brasileira, que antes fundamentava suas considerações na história política.

Serão abordados tantos os problemas que a historiografia apresentou no passado, principalmente nos períodos do século XVIII e o século XIX, com relação à ausência de fontes e informações que permitissem ao historiador pensar a condição da mulher nesta época, quanto à imagem revelada pela nova historiografia, já no século XX, da mulher.

O enfoque maior será dado às concepções de Freyre sobre o comportamento feminino na sociedade patriarcal rural e urbana. As outras fontes utilizadas serviram para confrontar as considerações de Freyre sobre a imagem feminina, como a obra de Miriam Moreira, “livros de viagem”, que trata a mulher no período de 1803 à 1900.

Este trabalho toma como ponto de partida os processos de declínio do patriarcado rural, com as casas-grandes e as senzalas como centro deste regime e a família moldada aos anseios do chefe de família que era o *pater familia*. No modelo de família patriarcal, a que Gilberto Freyre elaborou em seus livros “Casa-grande e senzala” e “Sobrados e mucambos”, os laços familiares eram firmados por relações de submissão a figura do pai, tanto pela mulher, como pelo filho, e mesmo, o escravo, estavam sob o domínio absoluto do poder do patriarca. Essas relações foram se desfazendo com o processo de urbanização e abrindo espaço para um novo regime que era o patriarcalismo urbano.

Com o declínio do patriarcalismo rural e o desenvolvimento das cidades surge uma nova estrutura de moradia, fruto de influências estrangeiras, que era o sobrado. A mulher que antes ficava reclusa na casa-grande, tratando dos afazeres domésticos, mantém a sua

condição de submissão, mas passa a ocupar um outro espaço, mais fechado e úmido. Sufocada tanto pela falta de ar (conseqüência da arquitetura dos sobrados) quanto pela moda estrangeira que começa a ditar os trajés e conduta da mulher do sobrado.

Quanto às senzalas, estas foram substituídas pelas construções de barro e palha, que tornaram-se a morada dos negros livres e mulatos.

O espaço público toma conta da rua que aos poucos foi sendo ocupada também por mulheres mais abastadas, o que antes não era permitido. Âmbito exclusivo dos homens, a rua virou palco para as mulheres desfilarem a moda européia e negras e mulatas se prostituírem e venderem seus doces para as “iaiás” do sobrado, como forma de prover seu sustento.

Uma mulher menos reclusa e mais participante da vida pública surge em meio às transformações provocadas pelo desenvolvimento das cidades. A estrutura urbana se adapta as novas descobertas da ciência e uma onda de inovações toma conta dos centros urbanos brasileiros (como o saneamento e iluminação das ruas).

É neste contexto que Freyre constrói uma imagem feminina moldada aos padrões da classe dominante. Uma mulher com traços estéticos de deformação, mas idealizada pelos homens, que amolecem suas carnes para justificar a superioridade masculina.

Surge a partir da década de 1970, movimentos feministas que trazem para a historiografia contribuições no tocante às formas de abordagens das fontes. A análise de informações implícitas nas fontes e o surgimento de novos campos de abordagem, como a história social, permitiram ao historiador redefinir a imagem feminina, que passa a ser vista não mais como mera coadjuvante da história, subordinadas em seus papéis sociais, mas como participante ativa da vida pública.

A intenção deste trabalho é evidenciar elementos responsáveis pelas mudanças no comportamento da população feminina, no século XVIII e XIX, e confrontar as várias indagações teóricas sobre a participação feminina na história, baseando-se, mormente na obra “Sobrados e mucambos” de Gilberto Freyre, publicada em 1936.

Portanto, essa pesquisa foi dividida em três capítulos, onde o primeiro esclarece as considerações da historiografia acerca da participação feminina na história e apresenta autores que se fizeram necessários para o entendimento e embasamento do trabalho.

No segundo, são apresentados os aspectos da obra de Freyre - "Sobrados e mucambos" - com relação ao processo de queda do patriarcalismo e o desenvolvimento das cidades. Assim como fontes que complementam o objeto de estudo deste trabalho monográfico, acrescentando dados sobre as transformações ocorridas na sociedade brasileira.

No terceiro, é apresentada a visão de Gilberto Freyre acerca dos padrões femininos estabelecidos pela classe dominante da sociedade brasileira, como também, sua forma de abordagem sobre esses elementos. Além disso, pretende-se mostrar as contribuições, como também a ausência de informações que a nova historiografia vem suprir.

1. A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE E A HISTORIOGRAFIA

A visão de superioridade masculina, ao longo dos séculos, negligenciou a presença das mulheres no que concerne a sua participação nos eventos públicos, na vida política, social e econômica.

Em estudos recentes sobre a “História das Mulheres”, por volta da década de 1970, observou-se que a ausência de fontes diretas (tais como documentos administrativos, biografias, material oficial, e outros) e o manuseio destas por pessoas do sexo masculino, foram responsáveis pela quase inexistente presença feminina no espaço público. “*O ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino*”.¹

A restrita educação dada às mulheres contribuiu para esse processo de exclusão das mulheres na construção da história pela própria historiografia. Analisando relatos de viajantes estrangeiros, retirados de obra de Miriam Moreira Leite, “*A condição feminina no Rio de Janeiro no Século XIX*”, publicada em 1984, vemos que apesar de avanços na educação (incluindo a ampliação no número de instituições de ensino e a criação de universidades, após a vinda da família Real para o Brasil) nada de concreto foi feito no tocante à educação feminina. Mesmo entre as famílias mais abastadas, o que se observou foi uma formação restrita, em que as mulheres geralmente, aprendiam a ler, mas não a escrever.

A literatura destinada às mulheres, por muito tempo, restringiu-se a livros de cozinha, manuais de pedagogia e contos morais, em sua maioria. Esses ensinamentos tinham o intuito de preservá-las em seus papéis sociais, impedindo-as de fugir aos estereótipos que permeavam a figura feminina no século XIX. Isso perdurou até o surgimento dos movimentos feministas, na segunda metade do século XX.

Não só a educação, mas as concepções que permeavam o pensamento social interferiam na construção das definições sobre as mulheres. Por muito tempo a distinção entre razão e paixão, ocupou as mentes e obras de grandes pensadores da história, desde Aristóteles até Rousseau. Com o Humanismo, os conceitos sobre a racionalidade do

¹ PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra.1988, p.185.

homem, prevaleceram entre os estudos históricos, cabendo às mulheres o aprendizado de atividades que não necessitassem do exercício da razão. Daí “*por faltar-lhes o controle, atributo do homem moderno, sua razão era considerada fraca, frágil, sem parâmetros, o que a dobrava obrigatoriamente à dependência da razão masculina*”².

Dessa forma, todo o conteúdo do saber e todas as fontes historiográficas, moldavam-se aos princípios pré-definidos da sociedade, de forma que no resultado final, as idéias extraídas defendessem a superioridade na participação histórica e poder do homem. Daí, neste período, as mulheres serem excluídas dos documentos oficiais e dos comentários acerca da vida pública.

Maria Odila descreve “*a dificuldade de se extrair das fontes informações claras acerca do papel feminino na sociedade brasileira*”.³ A análise deve ser feita observando as imagens construídas a partir do que está implícito nos documentos, tendo em vista os estereótipos e valores já existentes, os quais atribuíam à figura feminina uma condição inferior, de subordinação aos homens. A maioria dos relatos e documentos oficiais era redigida por homens, pois às mulheres era limitado o acesso à instrução. Portanto, atrelado às informações contidas nas fontes estavam concepções pré-definidas, fruto da influência de ideologias dominadoras que dissimulavam a presença feminina na história.

A essa escassez de fontes deve-se principalmente à tendência que se tinha de privilegiar a história política, que era estudada através de documentos administrativos e militares, no qual não se via a presença direta das mulheres, acrescentando-se que a maioria das mulheres não tinha acesso às letras. Portanto, as fontes escritas ou eram de cunho íntimo, ou eram escritas por homens. Como alternativa a essa carência de fontes os historiadores recorreram a pistas implícitas em relatos retirados de fontes orais, arquivos privados, que tinham elementos sobre o cotidiano da família, artefatos decorativos, fotografias, escrita religiosa, estudos médicos, jornais e revistas. Assim, “*O principal instrumento de estudo na atualidade revela uma nova tendência na análise histórica, o estudo de fatos do*

² PRIORE, Mary Del. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). História brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto. 5 ed. 2003, p.219.

³ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e Poderem São Paulo no Século XIX. São Paulo: Brasiliense. 2.ed., 1995.

cotidiano feminino, de caráter sentimental e comportamental, no qual o privado mescla-se com o público".⁴

A escola dos *Annales* representou um avanço nos estudos sobre a questão feminina, na medida em que abordou em seus estudos grupos sociais marginalizados, embora não tenha incorporado de imediato a figura feminina como objeto de estudo.

Um discurso antifeminista surgiu no século XIX e apoiou-se nas descobertas da medicina e da biologia neste período, para mais uma vez justificar cientificamente a submissão e a conseqüente exclusão das mulheres da vida política. Esses estudos revelam diferenças nas formas físicas e na capacidade mental para certas atividades, mas não identificam as diferenças entre as raças e os sexos, que fundamentavam à idéia de superioridade e inferioridade, nem tampouco inviabilizam o critério histórico-cultural como elemento importante nos estudos sobre as diferenças dos sexos.

Até mesmo nas formas menos conservadoras de se definir as mulheres, o que prevalece é a visão dicotômica do masculino e feminino: o homem racional/ a mulher emocional, o homem soberano/ a mulher submissa. É no Positivismo que essa visão conservadora da condição feminina se mantém viva no século XIX, através das concepções de pensadores como Hegel, que defendeu a condição natural dos homens para funções no campo político e das ciências; e Augusto Comte, que falava da inaptidão das mulheres para atividades ligadas ao governo, e até mesmo a família.

Em fins da década de 1970, emergiu entre os historiadores o estudo das relações entre os sexos com base na noção de gênero. Essa nova abordagem chocou-se com as tendências tradicionais, que tratavam o objeto de estudo das relações sexuais (homem e mulher) separadamente.

A noção de gênero ganhou espaço, tendo em vista seus questionamentos sobre o funcionamento e o sentido destes papéis dentro de uma determinada sociedade, de forma a ordená-la, fazendo analogia com as distinções de classe social ou raça.

Alguns autores se contrapõem à utilização da noção de gênero afirmando que sua definição servia para corrigir o empirismo, e neste processo a mulher acabaria sendo eliminada dos conceitos teóricos e seria, apenas, "*o resultado da construção de discursos*

⁴ SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.275

convergentes filosóficos, religiosos, médicos, científico, enfim, de uma construção que tem que ser desconstruída".⁵

No início do século XIX, essas discussões acerca das diferenças sexuais foram amenizadas pelas concepções da economia política, a qual estabeleceu papéis a homens e mulheres, ligados, respectivamente, a produção e consumo, o que permitiu as mulheres administrar o orçamento familiar, conferindo-lhes um "poder social", que apesar de ínfimo, representou uma conquista para as mulheres.

No século XIX, vemos representadas essas conquistas na figura da dona-de-casa, que apareceu moldada às necessidades da época, isto é, embora continuasse exercendo seus afazeres domésticos (cozinhar, lavar roupa, cuidar das crianças) ela desenvolveu atividades comerciais que auxiliavam na manutenção da casa, aumentando a renda familiar. Mesmo que não reconhecidas e mal remuneradas essas atividades representavam a circulação das mulheres em um âmbito até então predominantemente masculino, que era a rua.

Apesar de terem sido, em sua maioria, limitadas ao âmbito privado, muitas se destacaram em suas funções como "chefes de família", e mesmo as mais submissas detinham certo poder, que se igualava, muitas vezes, ao poder do pai, tido como repressor. Segundo Rachel Soihet, "*Muitas mulheres usufruíam, da condição inferior imposta a elas, a fim de estabelecerem nos domínios que lhes cabiam, uma autoridade e liberdade na família, sua aproximação aos filhos permitiu a firmação de uma posição de superioridade única para as mulheres*".⁶

Mas esse pensamento maternal não estabelece à mulher o poder sobre o âmbito privado, cabendo ainda ao pai toda autoridade sobre os membros da família.

Para Maria Odila, o número de mulheres brancas empobrecidas, forras e escravas aumentou bastante nas cidades, principalmente com a urbanização, redefinindo os padrões existentes na sociedade patriarcal, já que a maioria delas assumia papéis que antes cabiam apenas aos homens, como o de chefes de família. Essas mulheres ocupavam-se do comércio menos prestigioso, que era o dos gêneros alimentícios e de consumo. Moravam nos bairros mais pobres, em construções rudes e a maioria, eram mulheres sós, concubinas e mães solteiras, as quais proviam o sustento da casa.

⁵ PRIORE, Mary Del. História das Mulheres: as vozes do silêncio, p.233.

⁶ SOIHET, Rachel. História das Mulheres. Pp.275-296.

Observa-se que a figura de mulheres pobres, apesar de não atuantes na vida política e administrativa do país e de não serem reconhecidas efetivamente pela sociedade como membros ativos, participavam da economia local, não só se associavam a vida privada, aos membros da família, aos afazeres domésticos, mas invadiram o espaço público na medida em que a rua se tornou palco de sua atividade de sustento, tendo em vista o comércio popular que praticavam.

Essa presença feminina numa esfera pública permitiu que elas participassem da vida social e dos eventuais percalços que permeavam o meio político. Um exemplo disso, retirado do caso francês, era a ação efetiva das mulheres nos motins por alimentos ocorridos no século XIX. Saíam às ruas e reivindicavam a diminuição das taxas sobre os alimentos.

Ainda no mesmo período, com as ondas de migrações dos campos para as cidades, estas se tornaram bastante populosas, o que agravou o problema da moradia, gerando insatisfação nas famílias, que eram obrigadas a dividir pequenos espaços a preços muito altos. Essa condição acaba rebelando as mulheres, que de forma coletiva e aos “gritos” se lançam na luta contra o “Senhor Abutre” e o “Pipelet”.

Os levantes seguintes vieram com a industrialização, pois as mulheres viam na introdução das máquinas a ruína de seus serviços manuais a domicílio e o risco que corriam os empregos de seus maridos. Além disso, a função de operária só vai ser revalorizada no início do século XX.

No século XIX os historiadores deram início a uma discussão acerca da influência da industrialização no processo de autonomia feminina, já que para alguns a participação das mulheres no processo produtivo conferiu-lhes uma maior autoridade dentro do seio familiar; enquanto outros defendiam a tese na qual as mulheres apenas mudaram o ramo de seus trabalhos, pois a maioria já desenvolvia atividades, não só de caráter doméstico, ainda que não remunerados muitas vezes, mas que demonstravam a participação feminina fora do âmbito privado.

Não obstante, novos levantes foram empreendidos e as mulheres iniciadoras dos motins, passaram à condição de auxiliares, “*ao se militarizar, a revolução se torna masculina, e relega as mulheres às gazes ou aos fornos*”.⁷

⁷PERROT, Michelle. Os excluídos da história, p.199.

Todas essas agitações populares, incentivadas pelas mulheres, sua forma rebelde e indisciplinada, muitas vezes quebrando as normas da lei, despertaram na sociedade dominante (masculina) o receio ao poder adquirido pelas mulheres, com isso, até mesmo os sindicatos reprovaram as atitudes femininas nos motins, definindo-as como selvagens e irresponsáveis, separando os sindicatos dos movimentos das mulheres.

Deve-se enfatizar que o comportamento apresentado pelas mulheres nesses motins urbanos corresponde às ações das “mulheres do povo”, cuja liberdade nos gestos e entusiasmo pelas causas coletivas se contrapõe ao padrão de comportamento das mulheres burguesas, da “classe ociosa”, os quais eram subordinados aos costumes conservadores da sociedade dominante.

Um outro importante reduto de encontros femininos foram os lavadouros, que durante todo o século XIX, permitiu as mulheres disporem de assuntos extrafamiliares, onde se trocavam muitas informações, como receitas, remédios e novidades do bairro.

No intuito de amenizar e controlar o avanço das mulheres no âmbito público, o Estado empreendeu a construção de lavadouros com espaços divididos por sexo e raça, além de impor regras e normas que definiam até horários de funcionamento.

A partir da segunda metade do século XX, uma onda de movimentos feministas desenvolveu-se em níveis acadêmicos, principalmente nos Estados Unidos, com a formação de cursos voltados ao estudo dos papéis femininos. Estes movimentos expandiram-se posteriormente para Europa, até chegar ao Brasil e tinham o interesse, a princípio, de pôr fim aos estereótipos aplicados ao comportamento feminino, o qual era definido como limitado ao trabalho doméstico, divergindo um pouco das pretensões tidas pelas mulheres da Revolução Francesa. De acordo com Rachel Soihet, *“além das reivindicações relativas aos direitos políticos, esses movimentos feministas reivindicavam, com ênfase, os direitos sociais e a proteção social, especialmente no que tange às mães e à maternidade”*⁸, o que reflete as mudanças de pensamento das próprias mulheres no que se refere as suas prioridades, que deixaram de se restringir ao lar e se ampliaram ao reconhecimento público de igualdade.

⁸ SOIHET, Rachel. História das Mulheres, p.282.

A partir da década de 1970, se desenvolve nos historiadores um desejo de expressar os fatos do cotidiano feminino e dessa forma confrontar as perspectivas históricas tradicionais, na qual as mulheres desempenham um papel secundário.

No Brasil, o interesse pela história da mulher só vai aparecer no final da década de 1970, através das universidades (principalmente a Fundação Carlos Chagas de São Paulo), que diante das poucas fontes existentes no País acerca do comportamento feminino, promoveu concursos e pesquisas, cujos objetivos eram despertar nos historiadores o interesse pelo tema da mulher, acumulando material para posteriores estudos.

Essa “corrida às fontes” permitiu trabalhar com documentos presentes em arquivos e com relatos orais, sendo refletidos em artigos, teses e livros. Tudo isso, contribuiu para o surgimento dos mais variados temas e personagens, como a “história das mulheres públicas”, das “lavadeiras”, das “mulheres pobres”, das “operárias”, e muitas outras que na sua especificidade representam a atuação feminina na história.

Uma documentação importante como fonte foram os relatos de viajantes estrangeiros que até por volta do século XIX eram analisados sem um olhar crítico dos historiadores da época. Até mesmo o próprio Gilberto Freyre se utilizou desta documentação sem uma análise mais profunda dos relatos, apenas reproduzindo as informações sem questioná-las.

Miriam Moreira enfatiza a importância dessas fontes, afirmando que o estrangeiro na medida em que estava fora do grupo cultural visitado, visualizava de forma diferenciada o cotidiano dos habitantes, salientando aspectos da vida que os brasileiros consideravam natural, não tendo, portanto, o distanciamento necessário para analisar esses aspectos. Por outro lado, trazia em suas análises julgamentos de valores, assumindo uma postura de superioridade em vista da concepção de civilidade dos europeus com relação a outros povos.

O trabalho de Miriam Moreira foi destacar dentro desses relatos de viajantes as considerações sobre as mulheres no século XIX. Observou-se que havia um número ínfimo de viajantes do sexo feminino com relação ao número de homens. Além disso, os relatos femininos traziam mesmo que de forma implícita, não só a análise da mulher brasileira, como também sua própria condição de mulher europeia, expondo muitas vezes as dificuldades que se ofereciam ao seu exercício de observadora. As mulheres não tinham

oportunidades em grandes viagens, em vista dos perigos, como naufrágios. A presença da mulher em viagens marítimas foi facilitada a partir da modernização dos meios de transporte, mas continuou sendo uma área predominantemente masculina.

Com a análise desses relatos pôde-se perceber que as observações sobre as mulheres brasileiras se restringiam aos relatos da mulher branca rica e da escrava, desconsiderando a mulher pobre, a mulata e a negra livre. A mulher branca ainda que nascida no Brasil era freqüentemente identificada com a portuguesa, enquanto que a denominação de brasileira era atribuída a todas as classes de mestiças.

Um outro ponto que prevalecia na análise dos viajantes estrangeiros eram as reflexões sobre a moralidade feminina, através de cenas do cotidiano que representassem bem esta questão, apresentavam na maioria dos casos, julgamentos de valor. Além disso, relatavam com freqüência os traços físicos e a forma das vestes.

Todo o material escrito sobre a natureza ou costumes brasileiros, mesmo os relatos que traziam uma percepção inadequada da realidade brasileira, tiveram sua importância educativa, mas também foram responsáveis por moldarem os aspectos característicos do cotidiano brasileiro a seus princípios europeus, sendo estes assimilados pela historiografia, sem maiores questionamentos. Miriam Moreira, em “Livros de viagem” afirma que:

“(...) os viajantes foram responsáveis por uma série de estereótipos que aderiram à historiografia do século XIX, tais como: a reclusão da mulher, a consideração da mulher de condição como apenas a branca abastada, a brandura do trabalho escravo no Brasil, a escravidão como instituição civilizadora, a hospitalidade e a indolência do brasileiro, a imoralidade dos negros que depravava as crianças a seu cargo”⁹.

Todos esses estereótipos foram incorporados à obra de Gilberto Freyre, “Sobrados e mucambos”, tendo em vista a análise das fontes historiográficas na época. Freyre se utilizou bastante da documentação produzida pelos viajantes estrangeiros e como a maioria dos historiadores do período, reproduziu as idéias formuladas por eles, sem questionar a veracidade dos fatos, ou mesmo, a postura do observador. A parcialidade do observador estrangeiro foi um traço marcante nos relatos dos viajantes.

Freyre tratou a mulher como reclusa no ambiente da casa enfatizando em suas análises a figura da mulher branca abastada. Essas idéias resultavam de influências

⁹ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Livros de viagem (1803-1900), p.22.

produzidas pelos relatos de viajantes, pois descreve constantemente a visão destes estrangeiros com relação a determinados hábitos dos brasileiros. Essa visão da mulher enclausurada pode ser vista no comentário de Freyre com relação à Saint-Hilaire, o qual “*queixa-se quase amargo de não ter visto senhoras nas casas de São Paulo; de ninguém o haver convidado para jantar*”¹⁰. A rua era lugar exclusivo dos homens, cabendo às mulheres brancas aparecerem em público apenas nos eventos religiosos, “*nas ruas só se encontravam as escravas negras e as mulatas*”¹¹.

Havia contradições nas observações dos viajantes, pois muitos eram os relatos referentes às numerosas festividades, as quais demandavam a participação feminina. Organizando, ou apenas assistindo, as mulheres extrapolavam aquela participação restrita que foi descrita pelos viajantes, fora do ambiente privado. Havia um limite para a reclusão da mulher, mesmo para a branca abastada.

Outro estereótipo criado pelos relatos de viajantes, e incorporada por Freyre refere-se a melhor condição do escravo colonial brasileiro, quando comparado à escravidão em outros períodos e civilizações. O autor afirma a melhor condição de alimentação e moradia do escravo da época colonial, tendo em vista a degradação da habitação, nas sociedades em processo de urbanização, com o aparecimento de construções de palha e barro, quando no período anterior os negros habitavam senzalas de pedra e cal; além de uma alimentação, ainda que rude, farta aos padrões da época e mais saudáveis até do que a consumida pela nova burguesia, que aderiu à influência estrangeira, nutrindo-se de produtos em conserva importados da Europa, enquanto ao escravo era dado todo o alimento fresco.

Observa-se a influência da visão dos viajantes estrangeiros na obra de Freyre quando este afirma que:

*“(...) foram estes os escravos – evidentemente a maioria da população escrava da época colonial e dos primeiros decênios do império, dado o fato de que o Brasil ortodoxamente patriarcal foi antes agrário e pastoril que industrial e urbano como na área de mineração – que impressionaram os observadores estrangeiros mais penetrantes e mais objetivos nos seus reparos sobre condição de vida e de alimentação que pareceram a vários deles – Tollerane, Pfeiffer e Hamlet Clark – superiores às dos operários ou camponeses europeus e livres da mesma época”*¹².

¹⁰ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 15 ed. São Paulo: Global, 2004. p.144.

¹¹ Ibidem, p.145.

¹² Ibidem, p. 401.

Ainda com relação ao negro, Freyre deu bastante ênfase à vida sexual, descrevendo fatos e características que comprovariam esta discussão. Os traços da mulata ou negra, suas formas de andar e falar eram segundo Freyre, naturalmente sensuais. Ele descreve a mulata afirmando que *“por todos esses motivos, já se tem atribuído, um tanto precipitadamente e em nome de ciência ainda tão verde e em começo como a sexologia, uma como permanente superexcitação sexual, que faria dela uma anormal; e do ponto de vista da moral européia e católica, uma grande e perigosa amoral”*¹³.

Freyre se utilizou não só dos relatos dos viajantes do sexo masculino, mas feminino também. Duas das autoras citadas por Miriam Moreira em sua obra sobre a documentação produzida por estes viajantes, foram também utilizadas como fonte, em “Sobrados e mucambos”. A primeira foi Maria Graham, que era a mais conhecida viajante do início do século XIX, por ter publicado outras obras anteriormente. Sua passagem pelo Brasil, foi como acompanhante do marido, que era capitão de uma fragata e permaneceu no país no período de 1821 a 1824. Suas considerações sobre a arquitetura das casas e o comportamento da mulher brasileira, foram descritos por Freyre em “Sobrados e mucambos”. Com relação à arquitetura Freyre salienta que Maria Graham *“viu numa casa-grande dos arredores do Rio paisagens do lugar pintadas pelas paredes das salas; não eram más”*¹⁴. E sobre a conduta feminina, comenta que Maria Graham notara que *“moça solteira nem às festas de casamento comparecia”*¹⁵.

A outra autora citada por Freyre, foi Ida Pfeiffer, que esteve no Brasil em 1847, com a idade de 51 anos. A maioria delas só se inseria no domínio público acompanhadas de parentes, amigos ou autoridades diplomáticas responsáveis pela sua proteção. Muitas não tinham a consciência de seu papel como escritora, ou mesmo, tinham receio em deixar a impressão de que seus escritos tinham qualquer pretensão literária, em vista do preconceito da sociedade, escrevendo muitas vezes suas observações em diários, como simples anotações daquilo visto durante a viagem.

Freyre trabalha diversas fontes documentais, desde anúncios em jornais até os já citados relatos de viajantes. Em todas as fontes utilizadas, o que se observa é que Freyre

¹³ FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos, p.743.

¹⁴ *Ibidem*, p.333.

¹⁵ *Ibidem*, p.145.

segue a postura assumida pela maioria dos historiadores da época, os quais incorporavam as idéias retiradas dos materiais de estudo e as reproduziam.

Mormente no que se refere à mulher, Freyre reproduziu a imagem feminina construída pelo regime patriarcal, desprezando as camadas populares, na qual a participação da mulher foi marcante (como visto pela historiografia mais recente), se atendo a um discurso moralista da classe dominante cujo intuito era deformar, mente e corpo femininos para proveito do sexo dominante.

2. URBANIZAÇÃO E FAMÍLIA NO BRASIL DO SÉCULO XIX

O tema central nas obras de Gilberto Freyre, tanto em “Sobrados e mucambos” como em todas as suas obras foi a idéia do patriarcalismo e sua influência na formação cultural brasileira.

Na interpretação de Freyre, a formação do patriarcado rural brasileiro foi marcada por traços de subordinação e acomodação, entre as classes e raças. A princípio, a subordinação esteve presente nas relações no período colonial, primeiro com os índios e depois com os escravos negros, todos sob o domínio absoluto da raça branca, fato que fundamentou o processo de escravidão nos trópicos, durante todo tempo em que vigorou esse sistema. Para Freyre, *“a formação patriarcal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de raça e de religião do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi a unidade colonizadora”*¹.

A casa-grande de engenho e fazenda foi o centro deste sistema rural de economia, que estendeu seu domínio sobre a família, e mesmo variando em suas formas e condições estruturais, definiu e unificou os modos de vida em um só padrão. A casa-grande representou todo um sistema, não só econômico, mas também social e político, servindo, segundo Freyre de fortaleza, capela, banco, escola e casa de misericórdia, *“muito mais do que isso, abriga um conjunto complexo de relações sociais, integrando raças e culturas distintas, que se ordenam em patamares hierárquicos e diferentes posições de mando e obediência”*². Os costumes de vida do sistema patriarcal do engenho açucareiro estenderam-se a todas as formas desse regime no Brasil.

As concepções do sistema patriarcal rural definiam como figura principal do regime, o *pater família*, que exercia sua superioridade de homem e de chefe de família, a ele devendo obediência à mulher, o menino e o escravo. Ele era o homem e senhor de sua gente, o elemento móvel dentro de uma sociedade que limitava o acesso ao domínio público.

Progressivamente, as cidades vão crescendo e novas formas de habitação vão sendo edificadas. Segundo Freyre um processo vertical de urbanização se inicia, no qual as casas

¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: Record. 46 ed.2002, p.47.

² BÔAS, Gláucia Villas. *Casa-grande e terra grande, sertões e senzala: a sedução das origens*. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon. *Gilberto Freire em quatro tempos*. Bauru: UDUSC, 2003, p.128.

são estruturadas em sobrados mal divididos, e projetados sem o interesse do bem-estar. Os ares do campo são substituídos pela umidade e escuridão dos sobrados. As senzalas de pedra e cal tornaram-se palhoças de barro. E as diferenças sociais se estenderam entre o senhor do sobrado e os negros e mulatos, não só em termos econômicos, muito mais do que entre o senhor da casa-grande e o escravo da senzala.

Novos personagens vão surgindo no cenário político e social brasileiro. O controle que antes estava representado no bacharel e no chefe de família passou para as mãos de outros homens. O rei de Portugal teve influência no âmbito político. O médico substituiu a figura do padre na vida privada, principalmente das mulheres. O colégio assumiu o controle da educação e disciplina dos jovens, que antes estavam sob a tutela única do pai.

As mudanças foram se efetivando e uma nova forma de regime surgiu. Um patriarcado um tanto mais urbano que rural nas suas características foi aparecendo nas cidades. Nos fins do século XVIII, o patriarcado rural deu espaço a uma forma de patriarcalismo mais ameno, no qual público e privado se desvincilharam e a rua passou a servi de palco do domínio público.

O poder do pai de família estava sob a ordem do Estado. A indústria moldava as linhas do comércio. Os sobrados se requintavam pela influência européia. A dona de casa tornava-se mais participante do meio público. Surgiram novas relações de subordinação, maiores distâncias entre dominadores e dominados. A rua tornou-se zona de confraternização, com o desenrolar das festas religiosas e passeios públicos. Deixou também de servir de depósito das imundices, devido ao desenvolvimento dos discursos dos sanitaristas.

Esses discursos sanitaristas tiveram seu auge no final do século XIX e início do século XX, que devido à influência de reformas urbanas européias, desenvolveram a idéia de modernização da sociedade através da construção de uma nova imagem para o Brasil, voltada para a ampliação e saneamento das cidades. Uma campanha sanitarista se instalou no país, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, onde muitos sobrados velhos situados às margens dos portos, onde ficava a população mais pobre, foram demolidos, por serem considerados insalubres e focos de epidemias.

Todas essas mudanças alteraram profundamente o estilo de vida do brasileiro. Atrelado aos novos hábitos da rua, apareceu à necessidade de maiores benefícios para a

população urbana. A principal mudança foi à iluminação a gás de praças e ruas. Depois vieram as alterações na arquitetura e moda, que antes estava sob a influência oriental, passou a moldar-se segundo os ditames franceses e ingleses. Uma onda estrangeira que atingiu até as maneiras das relações do brasileiro, nesse contexto:

“(...) desassombrando-se sob a influência de técnicas ocidentais de produção, de transporte, de urbanização, de iluminação, de pavimentação de estradas, de habitação, de conservação e preparação de alimentos, de recreação, de saneamento de ruas e de casas, o Brasil entrou em nova fase de vida moral e material”³.

O crescimento das cidades acompanhou o interesse dos mais ricos, pois apesar de falta de espaço era preciso manter uma estrutura que comportasse os ambientes das antigas casas-grandes. Daí a urbanização, na interpretação de Freyre, ter sido feita seguindo o caminho vertical, através dos sobrados, que se tornaram comuns desde o século XVII, pois *“era um meio de as casas continuarem grandes e satisfazerem muitas das necessidades patriarcais sem se espalharem exageradamente para os lados”⁴.*

Esse processo de urbanização fez surgir antagonismos nas relações sociais do brasileiro, com o branco do sobrado desligado de obrigações com o negro, ou mesmo mulato, os quais eram jogados nas periferias das cidades, em locais imundos, *“com o predomínio de estilos extra-europeus de vida e moral”⁵.* Este aspecto difere das relações que moldavam o ambiente rural e escravocrata do período anterior. Essa nova estrutura apresentou diferenças profundas, com *“menos patriarcalismo, menos absorção do filho pelo pai, da mulher pelo homem, do indivíduo pela família, da família pelo chefe, do escravo pelo proprietário; e mais individualismo da mulher, do menino, do negro, ao mesmo tempo que mais prostituição, mais miséria, mais doença”⁶,* não houve só benefício com a urbanização, em muitos aspectos dificultou a vida dos habitantes das cidades.

Essas transformações chegaram com atraso ao Brasil, pois ainda nos princípios do século XIX, além das dificuldades com ausência de luz, o que inviabilizava muitas vezes, as caminhadas à noite, sofria-se também com a deficiência de saneamento das casas, ficando como objeto de controle das epidemias, as medidas de profilaxia.

³ FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos, p.557.

⁴ *Ibidem*, p.306.

⁵ *Ibidem*, p.271.

⁶ *Ibidem*, p.126.

O processo de urbanização no país teve seu salto na primeira metade do século XIX, quando ocorreram modificações na paisagem urbana, com o melhoramento da estrutura física das cidades, com o saneamento de casas e ruas, e segundo Freyre, “*inovações notáveis de técnica sanitária e de transporte, de iluminação e de arborização de ruas foram aparecendo na cidade do Rio de Janeiro, na do Recife, na de São Paulo e até em Rio Grande, em Pelotas, em Porto Alegre, em Belém*”⁷.

Um elemento importante neste processo de declínio do sistema patriarcal enfatizado por Freyre foi à emergência do caráter individualista presente no comportamento da mulher e do filho. A rebeldia do filho contra o pai e o desprestígio deste tornou-se traço comum da sociedade urbana. Até mesmo as mulheres ascenderam neste processo para se livrar da opressão do patriarca. Freyre comentou o aumento do número de raptos de moças para casarem-se. Como um exemplo deste processo, afirmou que “*esses raptos marcam, de maneira dramática, o declínio da família patriarcal no Brasil e o começo da instável e romântica*”⁸.

A história social da família brasileira, desde o século XVII foi marcada por desigualdades nas formas de influência cultural. Paralelamente ao avanço das cidades, que se requintavam com o modismo trazido da Europa, existiam regiões nas quais tais inovações não floresceram, e a situação econômica dos moradores não determinava seu estilo de vida, pois muitos homens ricos eram vistos morando em casebres, quase semelhantes aos mucambos de negros encontrados nas cidades. Freyre atribuiu como causa deste atraso cultural a “*ausência de estímulo de ordem intelectual, ou de natureza psicológica, que completasse o estímulo econômico*”⁹. Algumas vezes a condição geográfica provocava o isolamento dos moradores, impossibilitando o contato destes com novas culturas, principalmente a européia.

A família patriarcal brasileira se fundamentou em diferenciações de classe e raça moldando suas características as contínuas influências estrangeiras. A casa-grande e senzala se converteram em sobrado e mucambo e aos poucos a imagem opressora do sistema patriarcal, representada na figura do *pater famílias*, foi abrindo espaço para novas

⁷ FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos, p.684.

⁸ *Ibidem*, p.246.

⁹ *Ibidem*, p.444.

formas de poder, mais centralizado no Estado e em novos personagens que passam a fazer parte do convívio social, como os médicos.

Aos poucos as maiores cidades brasileiras iam se urbanizando, as casas-grandes e senzalas, agora faziam parte da paisagem rural e de um passado recente e a sociedade passava a se constituir em sobrados e mucambos. Segundo Freyre, essa transformação das cidades, ou seja, essa mudança na arquitetura das casas e nas relações do senhor com o escravo permitiu a diminuição dos antagonismos entre as classes, pois havia maiores espaços para os escravos, muitos deles já livres, desenvolverem atividades que lhes permitisse ascender socialmente, *“ao contrário de outros países, como nos Estados Unidos, a condição de liberto não impedia ao ex-escravo galgar os patamares da pirâmide social”*¹⁰.

Um caso importante, no tocante aos elementos que levaram a urbanização, foi o de Recife durante a dominação holandesa. Os holandeses impuseram aos sobrados uma arquitetura européia que nada tinha de adaptável ao clima tropical brasileiro. Observou-se essa influência européia marcadamente nos telhados dos sobrados no Recife, nos quais a maioria se apresentavam bastante inclinados, como eram as construções na Holanda. Na verdade os holandeses, ao contrário dos portugueses, não se adaptaram em nada ao nosso modo de vida. Tudo era importado da Holanda, desde comida, até matéria-prima para a construção das casas. Até mesmo carregamentos de mulheres foram trazidos para o Brasil, como forma de deixar o ambiente o mais próximo possível da sua terra de origem.

O crescimento da prostituição no Recife do século XVII, em Salvador e Minas no século XVIII e no Rio de Janeiro, com o crescimento das cidades, promoveu um aumento da sífilis, tendo em vista a vida promiscua dos homens que habitavam este país, como afirma Freyre ao indagar que:

*“(...) a cidade do Recife talvez deva ser considerada a primeira de uma série de pequenas sodomas e gomorras que floresceram à margem do sistema patriarcal brasileiro, foram muitos os sobrados que, ainda novos, tiveram lá como em cidades mineiras e em Salvador e no Rio de Janeiro, seu destino patriarcal desviado, seu sentido familiar pervertido, sua condição cristã manchada por extremo de libertinagem”*¹¹.

¹⁰ SILVA, Leonardo Dantas. A paisagem mestiça em sobrados e mucambos. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon. Gilberto Freire em quatro tempos, p.238.

¹¹ FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos, p.276.

O processo de urbanização das cidades, ou seja, o velho regime patriarcal do campo se deslocando para os centros urbanos, já no século XVIII, trouxe um outro grande problema para a população urbana, a falta de suprimentos, que se intensificou com o desenvolvimento da mineração neste mesmo período.

A população pobre era a que mais sofria com a escassez de alimentos, pois ficavam dependentes dos proprietários de latifúndios e dos atravessadores, que cobravam preços exorbitantes pelos produtos. Os gêneros em falta variavam desde legumes até a carne, e a maioria era de má qualidade. Atribui-se a esta falta de suprimentos, o aumento do consumo nas cidades e a diminuição da produção, em vista do menor número de mão-de-obra escrava, principalmente depois da proibição do tráfico negreiro.

No meio dessa população urbana faz-se necessário destacar a figura do escravo livre, que não teve melhor condição em sua liberdade do que quando habitavam as senzalas. Entre a maioria, as condições de habitação e alimentação eram bastante precárias. Havia os que fugiam a essa regra, como retrata Freyre, dizendo que *“as negras e mulatas, amigadas com portugueses ou italianos, repita-se que chegaram até aos sobrados; algumas tornaram-se senhoras de engenho. E os negros e mulatos marceneiros, forneiros, funileiros, chegaram às vezes à pequena burguesia”*¹².

Mas a maioria dos mulatos e negros habitavam os mucambos, que ficavam geralmente nas partes mais baixas das cidades, os mais pobres eram feitos de barro e cobertos com folha de zinco, outros eram palhoças cobertas de sapé, uma mistura da influenciada palhoça indígena com a choupana dos portugueses. Estas habitações vão ser mais bem adaptadas ao clima brasileiro.

Os discursos médicos da época salientam a vantagem dessas construções para a saúde de seus moradores, isto é, *“o morador de mucambo construído em terreno seco, enxuto, a cobertura dupla protegendo-o bem da chuva, foi e é indivíduo mais higienicamente instalado no trópico que o burguês e sobretudo a burguesia do antigo sobrado”*¹³, sobrados estes que atribuíam as suas construções todas as concepções do patriarcalismo, embutido na sua arquitetura toda a reclusão ao ambiente privado, com a

¹² FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos, p.297.

¹³ *Ibidem*, p.301.

quase ausência de janelas, ambientes frios e úmidos, alheios aos ares da rua, eram “sobrados feios e tristonhos; e por dentro muito mal divididos”, diz Freyre.

Aos poucos as diferenças nas habitações mais abastadas e as mais humildes se deram pelos materiais usados nas construções, como pedra e cal, telha, madeira de lei.

Essas casas mal construídas eram frutos não só de uma política de contenção de gastos por parte do proprietário do sobrado, mas também pela má qualidade dos materiais usados na construção e da mão-de-obra que era bastante desqualificada, escravos em sua maioria.

Preocupação primeira entre os higienistas, essas construções eram consideradas focos das mais variadas doenças, não só pelas condições físicas da moradia, mas também pelos hábitos anti-higiênicos dos seus moradores, que insistiam em manter alguns costumes herdados do período colonial. Ainda despejavam os dejetos em locais abertos, muitos, às vezes em rios e praias, nos quais também se banhavam. Esses hábitos e essas construções, como já foi comentado, foram combatidos pelos discursos sanitarista da época.

Em finais do século XVIII e início do XIX, a idéia predominante na sociedade urbana era a de que o “sobrado patriarcal e já burguês” representava a superioridade da classe ou um exemplo de civilização. Essa concepção fez com que não só brasileiros, mas também estrangeiros, habitassem em casas assobradadas mal construídas, deixando as casas térreas para os indivíduos de menor poder aquisitivo.

Neste mesmo período observa-se no Brasil o surgimento de novas fontes de influência sobre a sociedade brasileira. O Brasil que antes refletia em seu modo de vida a influência Oriental e Portuguesa, de temperos à arquitetura, uma mistura que tem origem desde o início da colonização, com a chegada dos portugueses e em seguida a influência africana (através dos escravos) e asiática; mostrou-se no século XIX mais empalidecido pelos tons da moda francesa e inglesa.

A alegria de cores que antes tomava conta das casas e trajes brasileiros foi substituída pelo preto e o cinzento das sobrecasacas, botinas e cartolas da “nova Europa”. Num processo que Gilberto Freyre denomina de reeuropeização.

Mais uma vez a sociedade burguesa no Brasil assimilou as concepções burguesas da Europa, na medida em que se rendeu aos interesses do industrialismo europeu, que com sua sede por novos mercados de consumo impôs seus produtos, seus trajes pesados e escuros a

uma gente que vivia sob a luz e calor do Sol. Mesmo assim esses produtos foram usados e a moda brasileira foi redefinida, ainda que colocasse em risco a saúde. Muitos médicos relataram o aumento de doenças, como a tuberculose, sendo o uso desses trajes um grande agravante.

Não só os trajes, mas a arquitetura (principalmente com a chegada ao Brasil de artistas franceses no tempo de D. João VI), a decoração da casa, a alimentação, tudo era importado da Europa, e salienta-se que alguns produtos vinham dos Estados Unidos. Esses artigos eram vendidos no Brasil a preços exorbitantes, sendo muitos de má qualidade, ou até falsificados. Mas o importante para a burguesia brasileira era viver de acordo com os padrões europeus, apesar das condições ruins dos produtos, *“foi entretanto tornando-se chic comer à francesa, à italiana, à inglesa”*¹⁴.

Analisando os anúncios de jornais da época, Freyre observou a entrada no Brasil de toda sorte de produtos europeus e a importância que os profissionais vindos dessa “nova Europa” passaram a ter aos olhos da burguesia brasileira. Como exemplo, havia os doceiros que invadiram os espaços da antiga culinária das casas-grandes.

Essa reeuropeização atingiu também a mão-de-obra, em vista que no Brasil não existia trabalhador qualificado para a produção de artigos de luxo, apenas negros livres e mulatos que estavam mais familiarizados ao trabalho da terra, e, portanto, não poderiam competir com a leva de profissionais especializados que aqui se instalaram. Desenvolveu-se no Brasil um novo ritmo de vida, um *“ritmo que veio exigir relógios, tão raros na época em que o tempo quase não se contava por horas, muito menos por minutos, só pelo nascer do Sol, pelo Sol a pino, pelo pôr-do-Sol”*¹⁵.

Não obstante o operário brasileiro cedeu espaço ao artífice estrangeiro, ao qual se opunha também os comerciantes, em sua maioria portugueses, se instalando no país um verdadeiro clima de rivalidade.

Retomando o tema dos discursos médicos, observa-se que Gilberto Freyre baseado nesses discursos deu ênfase à temática do clima no Brasil. O calor dos trópicos foi durante muito tempo, visto pelos médicos, como desfavorável a saúde, um agravante na manifestação de epidemias, como tuberculose, cólera, e até a “doença dos cavaleiros”, que

¹⁴ FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos, p.461.

¹⁵ *Ibidem*, p.463.

segundo Freyre, “*afligia os cavaleiros depois de longas caminhadas a cavalo ou a mula, devido à quentura que o corpo do animal-principalmente da mula-se comunicava às pernas do homem*”¹⁶.

Mas muitos associavam as doenças também as causas sociais, em vista da falta de higiene e a estrutura dos ambientes que eram, geralmente fechados e úmidos, locais propícios para a infestação de moléstias nas casas e senzalas. Os sobrados que se tornaram um símbolo da nova sociedade burguesa, mais ainda com traços patriarcais, nada tinha de benéfico a saúde do seu morador, em vista da ausência de iluminação e ventilação nas construções. Segundo os higienistas da época, eram os mucambos que melhor se adaptavam ao nosso clima, tendo em vista não só ao material utilizado, como o plano de sua construção. Portanto “*no sentido de harmonização com o meio tropical pode-se dizer que o mucambo tem levado vantagem a tipos mais nobres de habitação*”¹⁷.

O mucambo não era de todo uma vantagem, essas construções floresceram sobre terrenos alagadiços, e lamacentos, nas partes mais baixas das cidades, onde o saneamento inexistia. O mucambo era mais fruto de uma diferenciação de classe, de raça, do que uma alternativa de moradia, “*o problema é o ecológico, de distribuição humana desigual, o rico a estender-se pelo solo bom e seco, o pobre – ordinariamente mestiço, mulato ou negro – ensardinhado angustiosamente na lama*”¹⁸.

A interação do clima à saúde estava presente também na moda brasileira, que foi inventada e reinventada, seguindo a seqüência de influências que recebia do estrangeiro. Primeiro o vivo dos tecidos e formas trazidas do Oriente, invadiam as casas aristocráticas, em seguida uma reviravolta na moda, uma reeuropeização das vestes fez-se sentir nos hábitos dos brasileiros, através da influência européia, principalmente francesa e inglesa. Trajes que incorporaram um “ar de luto fechado”, com o preto e cinzento prevalecendo nas cores das roupas, e os tecidos mais grossos e felpudos, além de produtos que auxiliavam no ajustamento do corpo, como os espartilhos, tornando mais árdua a vida no calor dos trópicos. Este vestuário era produzido na Europa, onde o clima era frio, e trazido para o Brasil para ser consumido pela burguesia encantada com tudo que era estrangeiro. Essas vestes provocavam desde distúrbios respiratórios até problemas de transpiração.

¹⁶ FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos, p.520.

¹⁷ Ibidem, p.348.

¹⁸ Ibidem, p.783.

No início do século XIX, muitos viajantes ressaltam os benefícios do clima brasileiro, alegando que *“qualquer excesso de temperatura que porventura viesse tornar hostil as condições de vida humana nos trópicos, conforme asseguravam antigas correntes científicas, era abrandado pelas brisas que, procedentes do Oceano, sopravam sobre a cidade”*¹⁹. As condições hostis do clima se davam mais pelo crescimento das cidades, e a falta de estruturação na expansão destas, do que pela ação dos trópicos.

O fator ecológico influenciou até mesmo no deslocamento do poder econômico e político da região Norte para o Sul do Brasil, no período açucareiro, tendo em vista as constantes secas que assolavam o Norte.

A relação do indivíduo com os trópicos, desde o início da colonização, foi tratada em quase todas as análises de Gilberto Freyre sobre a formação cultural brasileira. A ênfase foi dada ao português colonizador e sua aptidão em ambientar-se ao povo e clima das terras colonizadas. Para Freyre esse processo de formação da cultura brasileira inicia-se *“na figura do colonizador português, que pela sua bicontinentalidade entre Europa e África, capacidade de adaptação aos trópicos, predisposição às relações interétnicas e sincretismo religioso, alcançou fundar uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida no Brasil”*²⁰.

O regime patriarcal, das casas-grandes e senzalas, converte-se em centros urbanos, onde a população mais abastada eleva-se em edifícios assobradados e copiam a burguesia européia em todos os seus gestos; enquanto os mais pobres amontoam-se em palhoças de negros e mulatos.

¹⁹ ARRAIS, Raimundo. O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004, p.362.

²⁰ BÔAS, Gláucia Villas. Casa grande e terra grande, sertões e senzala: a sedução das origens, p.127.

3. O COMPORTAMENTO FEMININO NO SÉCULO XIX EM “SOBRADOS E MUCAMBOS”, SEGUNDO GILBERTO FREYRE

Em “Sobrados e mucambos”, Gilberto Freyre revela o cotidiano de uma sociedade com traços já urbanos, mas arraigado a um tradicionalismo comum do período colonial, com concepções ainda conservadoras no tocante a superioridade masculina.

A figura do “*pater família*”, vigente durante todo o período colonial, ou seja, o senhor de engenho que detinha todo o poder sobre todos os membros da família e escravos, estendeu sua influência nas décadas seguintes, até por volta do início do século XIX. Esse legado do patriarcado rural foi absorvido pela sociedade habitante agora das cidades, que “escondiam” suas mulheres nos sobrados úmidos e escuros, prendendo-as nesse mundo privado, onde a supervisão do trabalho doméstico era sua única função.

Observa-se que em suas análises sobre o comportamento feminino, Freyre salienta a figura da mulher pertencente às camadas dominantes, ou seja, as “iaiás” que viviam nos sobrados a comandar suas escravas nos afazeres domésticos.

Na formação patriarcal brasileira, surgiram discursos que tentavam justificar a condição inferior da mulher, defendendo a idéia que esta seria um sexo fraco. Muitos antropólogos fizeram analogia dos sexos às raças, em vista das relações de dominação e das diferenciações que permeavam as convivências dos sexos.

Freyre salienta que muitos antropólogos sugeriam que as diferenciações entre os sexos se davam também através de diferenças na estrutura física de homens e mulheres baseado apenas em algumas considerações, como o peso do cérebro e que tais conclusões poderiam gerar concepções errôneas de superioridade de sexo.

Essa idéia de inferioridade da mulher foi uma parte fundamental do discurso patriarcalista no Brasil, o qual impôs as mulheres padrões de tipo físico e conduta como forma de assegurar o poder aos homens, dentro deste sistema.

As mulheres eram subjugadas a uma vida reclusa e segundo Freyre, na análise que fez dos relatos de viajantes no início do século XIX, como já citado em capítulo anterior, ficavam longe até mesmo dos olhos dos visitantes de suas casas. Sua aparição em público se restringia às comemorações religiosas que se davam algumas vezes ao ano, quando

podiam exagerar na ornamentação pessoal e participavam como espectadoras da vida pública, já que não podiam atuar como agentes da história.

A condição da mulher era de reprimida ao ambiente da casa, ocupando-se das funções domésticas, e mesmo nas cidades em desenvolvimento, estas mulheres foram ocupando espaços que antes lhes eram restritos, mas de forma bastante lenta.

Para Freyre a mulher patriarcal no Brasil apresentava uma imagem frágil e mórbida, e muitas das moças solteiras da época alimentavam-se precariamente como forma de evitar a robustez de seus corpos, para não se assemelhar ao sexo dominante. No caso das mulheres casadas esta imagem se modificava e o que prevalecia eram as ancas largas. Eram figuras fartas de gordura, para benefício da procriação. A satisfação sexual do homem era uma imposição à vida destas mulheres, cuja saúde era rapidamente prejudicada pela enorme quantidade de filhos paridos.

Freyre construiu uma imagem feminina idealizada pelo regime patriarcal. A partir da análise das fontes, que em sua maioria refletiam o pensamento de superioridade masculina, Freyre demonstra o estereótipo feminino imposto pela classe dominante, ou seja, os homens que buscavam como alternativa para manter a diferença entre os sexos, uma distância não só de poder, mas física, que justificasse a sua dominação. Daí Freyre afirmar que:

“(...) a verdade é que a especialização do tipo físico e moral da mulher, em criatura franzina, neurótica, sensual, religiosa, romântica, ou então, gorda, prática e caseira, nas sociedades patriarcais e escravocráticas, resulta, em grande parte dos fatores econômicos, ou antes, sociais e culturais, que a comprimem, amolecem, alargam-lhe as ancas, estreitam-lhe a cintura, acentuam-lhe o arredondado das formas, para melhor ajustamento de sua figura aos interesses do sexo dominante e da sociedade organizada sobre o domínio exclusivo de uma classe, de uma raça e de um sexo”¹.

Freyre constrói uma imagem bem definida desta mulher criada pelo sistema patriarcal, cujo corpo foi deformado para ser exaltado como figura oposta ao homem:

“[...] Com a figura de Elvira ou Clarice, de Dolores ou Idalina, ora idealizada em extremo, ora exaltada pelas sugestões de seu corpo especializado para o amor físico. De seus pezinhos mimosos. De suas mãos delicadas. De sua cintura estreita. De seus seios salientes e redondos. De tudo que exprimisse ou acentuasse sua diferença física do

¹ FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos, p.210.

homem; sua especialização em boneca de carne para ser amolegada pelo homem. Pela imaginação do poeta e pelas mãos do macho”².

Em meio às configurações de servidão que transitam nas relações entre homem e mulher na sociedade patriarcal brasileira, Freyre salienta a presença de matriarcas que se destacaram neste contexto, exercendo atividades masculinizadas, e que ultrapassaram as fronteiras da casa, se estendendo ao âmbito público, que até então era um cenário restrito aos homens. Sendo assim:

“(...) tais mulheres que, na administração de fazendas enormes, deram mostras de extraordinária capacidade de ação andando a cavalo por toda parte, lidando com os vaqueiros, com os mestres-de-açúcar, com os cambiteiros, dando ordens aos negros, tudo com uma firmeza de voz, uma autoridade de gesto, uma segurança, um desassombro, uma resistência igual a dos homens-mostravam até que ponto era do regime social de compressão da mulher, e não já do sexo, o franzino, o mole, o frágil do corpo, a domesticidade, a delicadeza exagerada”³.

Apesar de retratar tais exemplos de mulheres, Freyre as insere num contexto de exceções, afirmando que *“os meios de expressão da mulher ainda patriarcal e já burguesa, suas oportunidades de intervenção nas atividades extradomésticas, continuaram no Brasil da primeira metade do século XIX, mesmo nas áreas onde se antecipou, entre nós, a urbanização do sistema patriarcal, insignificantes”⁴.*

Em antagonismo a imagem frágil construída pelo regime patriarcal, Freyre enfatiza a figura da mulher estável, da mãe de família, que tanto influenciou no modo de viver e na formação do brasileiro. Ele atribuiu à mulher européia o enobrecimento da moral e um maior conforto da casa, já que mesmo entre os mais abastados, os modos de vida eram retrógrados. Não só a arquitetura tornou-se mais elegante, mas também, o estilo de vida doméstico se aperfeiçoou.

Segundo Freyre, a mulher patriarcal desenvolveu um apego a casa e à família, negligenciando os assuntos extradomésticos, para satisfação do marido. Seu estabelecimento dentro da casa lhe conferiu certo poder em relação aos membros da família que não fossem o pai. A sua proximidade ao filho, garantia a este o consolo, em vista dos maus tratos empreendidos pelo chefe da família. As mães eram para seus filhos, *“sua consoladora. Sua enfermeira. Sua primeira namorada. Quem lhes fazia certas vontades.*

² FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos, p.212.

³ Ibidem, p.210.

⁴ Ibidem, p.228.

Quem cantava modinhas para ele dormi”⁵. Freyre afirma ainda, que a realização dos caprichos dos filhos e a convivência destes com suas mães, conferia-lhes um traço amolecedor sobre a formação do brasileiro, e uma função estabilizadora ou fixadora de valores para as mães. Um sentimentalismo típico das mulheres que segundo o autor, foi o responsável pela perdição dos meninos desde cedo. E às mucamas, a senhora da casa distribuía sua frustração de ser submissa.

Gilberto Freyre nos seus estudos sobre a sociedade patriarcal brasileira do século XVIII e a primeira metade do século XIX, revela de maneira clara a materialização do poder feminino na relação de mãe com o filho, em virtude do medo ao patriarcalismo exacerbado vigente na época, *“esse terror ao pai patriarcal e aquele refúgio à sombra da figura da mãe e quase sempre companheira de sofrimento ou experiência de opressão às vezes se prolongou em traços característicos de personalidade”*⁶. A importância da mãe também estava nos primeiros ensinamentos aos filhos, incluindo a iniciação às letras.

A princípio as moças submetiam-se aos abusos dos pais, que ao menor sinal de descontentamento com as filhas, as colocavam em colégios internos ou conventos, ou obrigavam a se casarem com desconhecidos ou mesmo parentes, como tios e primos, desde que estivessem dentro dos padrões de fidalguia burgueses. Quando esposas, muitos foram os casos de mulheres que eram internadas pelos maridos, cujo intuito era dispor de uma vida liberta das obrigações do casamento. Mesmo as mulheres que ficavam ao lado de seus maridos, essas não tinham maior liberdade. A reclusão ao ambiente privado levava muitas mulheres à necessidade do desabafo e refugiavam-se nos confessionários, conferindo aos padres um importante papel na formação moral e religiosa dessas mulheres.

Dentro do contexto de submissão das mulheres ao “sexo dominante”, observa-se uma figura salientada por Freyre, dentro do patriarcalismo já em declínio, que foi a solteirona. Oprimida não só pelo pai, mas também por toda a sociedade (inclusive as mulheres casadas), que se servia dela no cuidado com a casa na ausência da dona-de-casa. A sua maior dependência econômica causava-lhe uma condição muito mais reclusa e submissa do que as outras figuras femininas.

⁵ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*, p.230.

⁶ *Ibidem*, p.79.

A deformação do corpo feminino se fez presente, principalmente entre as mocinhas do sobrado, não só pela supressão de alimentos fortes, ou mesmo, do exagero de guloseimas, como também pelo uso de um aparato ornamentário, que incluía as vestes e seus adornos como fitas, babados e rendas. O principal responsável por essa deformação foi o espartilho, o qual alterou não apenas o padrão anatômico das mulheres, como também causou-lhes sérios problemas de saúde, segundo alguns pesquisadores da época, os quais constataram através de suas análises o aumento do número de doenças respiratórias, principalmente entre as mulheres.

De acordo com Gilberto Freyre essa condição desfavorável à mulher, tanto pela alimentação deficiente, como pelo uso de vestuário compressor, tiravam-lhe não só a saúde como a liberdade de movimentar-se. Sua constante debilidade impedia-lhes desde cedo, mais do que aos meninos, a participação nas brincadeiras quando crianças, condenando-as a uma vida anêmica.

Segundo Freyre, a idealização e o culto que se constroem em torno da figura feminina tornaram-se uma característica das sociedades patriarcais e semipatriarcais. A necessidade da diferenciação do tipo físico, para marcar uma diferença de dominação, esteve presente não só na relação dos sexos, mas de classe e raça. Um padrão duplo de moralidade se construiu nessa sociedade, e concede aos homens toda a liberdade e gozo de direitos, *“limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as armas, as velhas, os escravos”*⁷.

Enquanto os homens deformavam a imagem da mulher para sentirem-se mais dominadores, como afirma Freire, as mulheres exageravam na ornamentação das vestes, cabelos e jóias para se distanciarem o máximo das mulheres de outras classes e raças.

Essa ornamentação exagerada foi característica também do homem patriarcal, que apesar de manter uma postura agressiva nos modos, aderiu aos acessórios e vestes que enfeitavam-no de tal modo, a deixá-lo o mais distante possível da figura do escravo. Aos escravos dos dois sexos era proibido o uso de jóias, para que ficasse marcado nos trajés do escravo a diferença de classe e raça.

Em tempos de festas, via-se muita mucama bem-vestida e cheia de adornos, como reflexo da grandeza de suas “iaiás”.

⁷ FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos, p.208.

Esse exagero de ornamentos teve a influência marcante da cultura européia, que se inseriu no contexto urbano brasileiro, redecorando as casas, as roupas e incluindo vários acessórios nos costumes dos brasileiros, desde o uso de cosméticos até espartilhos.

Por ser restrito o acesso das mulheres a rua, as mercadorias das lojas eram enviadas, geralmente, à casa das senhoras dos sobrados, ou mesmo trazidos pelos mascates, que vinham do Oriente, de Portugal e alguns eram judeus da Alsácia. Traziam toda sorte de produtos e de notícias da rua, uma espécie de elo entre o privado e o público. Esses comerciantes saciavam os desejos consumistas dessas senhoras e moças, trazendo um mundo novo às essas mulheres recalçadas, *“de dentro dos baús começavam a derramar-se pelas mesas de jantar de jacarandá ou pelas esteiras de piri-piri tanto cetim, tanta fita, tanto pano bonito, tanto frasco de cheiro, às vezes até vestidos já feitos, que era uma festa nas casas tristonhas”*⁸.

Uma diferença marcante entre a mulher da casa-grande e a do sobrado se manifestou, mormente com o desenvolvimento das cidades, e com enobrecimento dos modos de vida. Em substituição as formas, avantajadas e moles da mulher do patriarcalismo rural influenciada pela cultura Oriental, surgiu um padrão de corpo mais delicado. A mulher do sobrado refletiu as modas européias, estendendo o primor europeu também aos objetos de decoração. Freyre afirma que:

*“(...) com a generalização das modas européias mais requintadamente burguesas e a urbanização dos estilos de vida, outrora rusticamente patriarcais, as deficiências ou excessos de formas do corpo que não correspondiam as modas de Paris e Londres foram sendo corrigidos por meio de unguentos, cosméticos, dentes e cabelos postiços, ancas, tintura para barbas e cabelos, espartilhos”*⁹.

E essas modas foram assimiladas pelos brasileiros sem levar em conta o clima e a constituição física de nossos habitantes.

Foi se desenvolvendo entre as mulheres, também fruto dessa influência estrangeira, o hábito de lerem romances. As histórias de amor foram permeando os pensamentos femininos e muitas foram às mulheres que se deixaram levar pelo imaginário e aventuraram-se em romances proibidos confrontando os pais pelo direito de escolher o seu companheiro. Como já foi dito em capítulo anterior, esta reação feminina de oposição ao

⁸ FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos, p.140.

⁹ *Ibidem*, p.220.

pai, com fugas e raptos de moças, foi uma das causas do declínio da família patriarcal e marcou a ascensão da mulher.

Os discursos médicos do final do século XVIII e início do XIX, sempre descrevem as mulheres como alheias às concepções de higiene, pois muitos eram os hábitos rudes, já nas cidades em crescimento, entre as mulheres, cujo corpo definhava com o desenvolvimento de numerosas doenças como a tuberculose. A condição de confinamento em que as mulheres eram submetidas tornava-as mais sedentárias. Além disso, se utilizavam corriqueiramente dos banhos mornos, fossem dentro de casa ou nos rios, seus corpos eram amolecidos, mais que pelo sedentarismo, auxiliadas por suas mucamas, que as despiam e as vestiam. Muitas foram as doenças adquiridas por essas mulheres e grande o número de mortes proveniente de tais hábitos.

Para Freyre, esses banhos eram um cenário propício para o desenvolvimento, consciente ou inconsciente, de relações homossexuais. Segundo o autor, “*o banho de rio pode ter oferecido às senhoras mais comprimidas pelo despotismo masculino, oportunidades para a prática se não de atos, de aproximações ou simulações de atos lésbicos, compensadores dos normalmente heterossexuais, de prática às vezes difícil*”¹⁰.

Diante de tantas mortes femininas, seja por doenças respiratórias pelo tórax comprimido por espartilhos, por doenças do sangue, em vista da deficiente alimentação, ou mesmo, por complicações nos partos, criou-se um culto em volta da mulher morta, principalmente da moça que morria virgem. A mesma idealização atribuída à criança morta, que era denominada de anjo, foi aplicada às jovens mocinhas. Havia todo um ritual para se enterrar a virgem, “*tinha direito a capela de flor de laranjeira, véu de noiva, bouquet de cravos, caixão azul-claro ou branco*”¹¹.

Dentro dos sobrados, uma importante figura passou a fazer parte do convívio da família, o médico. O médico de família passou a exercer enorme influência sobre a mulher, substituindo o antigo confessor, que era o padre. Um avanço nas relações sociais das mulheres, que se tornaram mais íntimas de outros homens, que não o marido e parentes. As mulheres em seus desabafos aos médicos fugiam tanto da opressão patriarcal quanto da

¹⁰ FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos, p.599.

¹¹ *Ibidem*, p.236.

clerical. O médico foi uma figura, menos acomodado às vontades do patriarca, do que o confessor.

Aos poucos as mulheres vão saindo dos redutos escuros que era a casa, não mais limitadas aos eventos religiosos, mas participantes das modernidades trazidas pela europeização dos modos de vida. A urbanização trouxe às mulheres novas oportunidades de confraternização com a rua. Lugar antes proibido às mulheres pelo sistema patriarcal, a rua passa a ser palco da moda européia. As mulheres que antes desfilavam o colorido Oriental pelos corredores das casas viveram uma nova fase de experimentação das modas francesas e inglesas.

Nos princípios do século XIX, surgiu uma mulher menos servil, segundo Freyre, mais presente no espaço público, uma mulher que freqüentava bailes e teatros, que era instruída, aprendia a ler, a dançar, a tocar, não mais reclusa em seu ócio e sobrado. A urbanização levou um pouco da rua para o interior da casa, através das janelas e varandas e as mulheres aos poucos foram saindo de suas “tocas”.

Apesar de ser uma mudança nos padrões de conduta, esse processo de exposição das mulheres se deu de forma lenta e restrita, sua participação na vida diária ainda permeava o âmbito doméstico.

A mulher retratada até o momento foi a mulher branca abastada, a mais enfatizada por Freyre em “Sobrados e mucambos”. Em antagonismo tanto social, como étnico, a essa figura da mulher branca e rica, enfatizada na obra de Freyre, a negra mucama, a mulata mestiça. Novas personagens neste mundo antes rural e já urbano, de estereótipos pré-definidos pela sociedade dominante.

Às negras foram atribuídas toda a sorte de proibições e vícios, como forma de diferenciá-las o máximo possível das senhoras da casa-grande e do sobrado. De acordo com Freyre alguns estudos médicos constataram um maior índice de doenças mentais, e mesmo, de alcoolismo entre as negras. Esse fator segundo o autor, foi fruto mais de aspectos sociais do que da condição física.

As concepções médicas, da Idade Média até o século XIX, acerca da saúde e fisiologia feminina fundamentaram os estereótipos atribuídos às mulheres, ou seja, “o

*discurso médico é sempre invocado para justificar o papel conferido à mulher na família ou na sociedade*¹².

O espaço de circulação das negras e mulatas não se limitava, como o das mulheres brancas burguesas, a casa. Permeavam o território proibido que era o âmbito público e faziam os mais variados trabalhos. Muitas trabalhavam como boceteiras ou quitandeiras, vendendo as “iaiás” os mais variados doces e guloseimas e ao mesmo tempo servindo de ligação entre o interior dos sobrados e a rua.

Aos negros de ambos os sexos era proibido o uso de jóias e acessórios de ouro, como forma de caracterizar a diferença não só de classe como de raça. Apenas as mucamas de senhoras mais abastadas, foram as que se apresentaram às vistas públicas, bem ornamentadas, tal como suas senhoras, de modo a representar a condição superior de classe das “iaiás”.

Considerando aspectos de diferenciações regionais, Freyre descreve as mulheres de cor tanto de forma mais serviu, de aparência mais rude, com vestes simples, como também as negras mais requintadas, moldadas as ideologias de classe que as consideravam uma extensão do poder dos seus senhores. Freyre afirma que:

*“(...) estas negras ou mulatas finas eram raras no Maranhão: consequência da distância entre senhores e servos, criada por um sistema que já não era o patriarcal na sua integridade de domínio de família tutelar, mas o sistema patriarcal pervertido pela imigração rápida – e não lenta, como na Bahia, em Pernambuco e no Rio de Janeiro – do industrialismo burguês e comercial, com os escravos a fazerem as vezes de máquinas e não apenas a substituírem a força ou a energia de animais”*¹³.

Até mesmo entre as mulheres das camadas mais baixas da população, como mucamas ou negras livres, se observa uma tendência social a ostentação do *status* de classe em relação a mulheres negras que não gozavam de nenhum regalo. Um exemplo disso foi à descrição de Freyre no tocante, ao uso de sapatos mais sofisticados, muitos de seda oriental, cujos pés variavam não de acordo com diferenças de raça, mais de classe. Esses sapatos, segundo o autor, ocuparam os pés tanto das “iaiás” do sobrado ou de casa-grande, ou mesmo de suas mucamas, como das senhoras menos abastadas. Esse episódio confirma a

¹² SALVADORE, Évelyne Berriot. O discurso da medicina e da ciência. IN: DUBY, George(dir). História das mulheres no Ocidente. São Paulo: Ebradil, 1991, p.409.3 v.

¹³ FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos, p.403.

concepção de que durante todo regime patriarcal, tanto entre as classes, como entre os sexos, havia a constante necessidade de afirmação pessoal dentro de uma sociedade que impôs a prioridade aos valores econômicos, ao povo brasileiro.

De acordo com a interpretação de Freyre, em volta da figura das mulheres negras vigorava aptidões que lhes eram apreciadas por seus senhores. Ocorreu uma generalização nas idéias referentes a costumes praticados corriqueiramente entre as mucamas, como a prática de catar piolhos e de tirar “bicho-de-pé” dos meninos e meninas da casa-grande e sobrado. Segundo Freyre ocorreu uma *“aristocratização do hábito de catar piolho, comum entre escravos e pobres, no hábito voluptuoso do cafuné entre as senhoras e os próprios fidalgos da nobreza rural, que entregavam as cabeças aos dedos ou às unhas das mucamas, para um catar antes simbólico do que real de piolhos”*¹⁴.

Inúmeros foram os casos de mulatas, negras livres e até mesmo escravas, que usufruíram, das relações amorosas com técnicos ou mascates estrangeiros para tornarem-se aprendizes de suas artes. Muitas dessas negras, mesmo depois de serem abandonadas por seus mestres e amantes, continuavam a trabalhar nos ofícios aprendidos. Freyre afirma que *“(...) de modistas ou costureiras francesas, mulheres de cor rapidamente adquiriram, como aprendizes, não só as técnicas como a graça de maneiras, tornando-se, depois de valorizadas técnica e socialmente por esse aprendizado, modistas e costureiras ilustres”*¹⁵. Outras negras e mulatas utilizavam a atração provocada pela cor de sua pele, a “superexcitação” defendida por Freyre, para amigarem-se com senhores brancos. Neste caso, muitas mulheres de cor ascenderam socialmente e vestindo-se semelhantes às brancas, apesar da inicial escandalização que provocou na sociedade conservadora e patriarcalista, atravessaram a barreira das diferenciações que separavam as raças.

Os agrados realizados pelas negras, desde os cafunés até mesmo os de sexo, foram explorados como natural da raça, por Gilberto Freyre, na obra “Sobrados e mucambos”. A idéia de sensualidade dos negros marcou o discurso das raças defendido por Freyre, o qual reproduziu as concepções científicas da época, que construíram uma imagem distorcida da raça negra, já que generalizou teorias acerca dos aspectos da vida sexual do negro. Não só a sensualidade natural das negras e mulatas foi demonstrada, como também teorias acerca

¹⁴ FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos, p.522.

¹⁵ Ibidem, p.665.

das atribuições físicas dos negros, que os tornavam superiores aos brancos em termos sexuais, “*vantagens ainda mais concretas que as de natureza priápica atribuídas à mulata, em comparação com a branca fina, considerada mulher mais fria*”¹⁶.

A conduta das mulheres no final do século XVIII e início do século XIX, vista em “Sobrados e mucambos”, está ausente das informações retiradas das fontes, principalmente no tocante a participação feminina no âmbito público. Essas fontes, raras vezes, descreviam a presença de mulheres em arruaças. Muitas dessas informações eram encontradas, geralmente, em relatórios oficiais de polícia e esse comportamento era caracterizado como uma exceção dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal.

A maioria das informações extraídas das fontes utilizadas por Freyre em “Sobrados e mucambos” revelava uma imagem feminina fundamentada nos estereótipos construídos pela classe dominante. Freyre se utilizou não só dos documentos oficiais, como também de fontes indiretas (anúncios de jornais, revistas, diários, relatos de viajantes e outros) e reproduziu as idéias extraídas dessas fontes sem uma análise crítica.

Suas considerações sobre o papel feminino na formação da sociedade brasileira, mesmo tendo negligenciado a participação das mulheres brancas e pobres, foi de fundamental importância para a historiografia da época, já que esta apresentava-se bastante deficiente em termos de informações sobre a participação feminina na história.

A adesão às idéias surgidas na Europa, como a “História da vida privada” e os estudos sobre a história social, trouxeram para a obra de Freyre um enriquecimento de conteúdo histórico, no que se refere à maiores oportunidades de estudos, com o surgimento de novos campos historiográficos.

O interesse de Freyre pela história do cotidiano permitiu que este autor superasse seus predecessores, em termos de ampliação das possibilidades de fontes, já que dispôs da análise dos mais variados documentos para produzir suas obras. Além disso, suas análises revelam uma mistura de abordagens antropológicas, históricas e sociológicas, que trazem para as suas obras uma característica inovadora, em relação à historiografia da época.

Freyre abordou temas como alimentação, habitação e vestuário como representação das variações não só de estrutura e comportamento, como também de cultura. Através

¹⁶ FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos, p.744.

dessas análises Gilberto Freyre demonstrou simbolicamente traços implícitos das características do povo brasileiro.

Em antagonismo à mulher enclausurada e submissa ao pai e ao marido, que foi a figura mais enfatizada por Freyre, vemos no capítulo I deste trabalho, uma mulher com características de rebelde, participante ativa da vida social. Uma mulher que expandiu seu espaço até os redutos públicos. Uma mulher branca, mas não abastada. Uma mulher ausente nas análises de Freyre, mas presente nas abordagens da nova historiografia, que considera *“o acesso das mulheres aos motins, o seu investimento nestes acontecimentos, são uma evidência; eles são a expressão da parte trágica que às mulheres cabe no seu ambiente familiar, social e público”*¹⁷.

Apesar de o seu trabalho ter sido inovador no tocante a utilização de novas formas de pesquisa, como o estudo do cotidiano, sua obra demonstra a dificuldade da historiografia, já no século XX, de escrever a história sem mascará-la com concepções dominantes.

Mesmo descrevendo algumas mulheres que fugiram a essa imagem de “sexo frágil”, Freyre reproduziu os estereótipos vigentes na sociedade patriarcal da época. Na medida em que descreveu com ênfase os hábitos das mulheres das camadas dominantes, provocou uma generalização nas formas de comportamento feminino, em vista que salientou os padrões e não as quebras de conduta, que será o tema mais analisado pela historiografia, a partir da segunda metade do século XX. Essa nova historiografia vai analisar não só as mulheres que viviam dentro dos padrões da sociedade, mas aquelas que participavam ativamente dos acontecimentos, opondo-se aos estereótipos criados pela sociedade dominante, principalmente as pertencentes às camadas inferiores. Um mundo feminino escondido nas entrelinhas dos discursos machistas.

A verdade é que as definições atribuídas à figura feminina foram construídas para serem moldadas aos interesses do sexo dominante, negligenciando a participação e contribuição das mulheres na história. O “sexo frágil” nada tem de acomodado, ele carrega um fardo pesado de lutas e ações, uma carga pesada de trabalho e família.

¹⁷ FARGE, Arlette. Agitadoras notórias. In: DUBY, George (dir). História das mulheres no Ocidente. São Paulo: Ebradil, 1991, p.559. 3 v.

CONCLUSÃO

Embora limitado pelas dificuldades apresentadas pela historiografia da época, como a ausência de estudos que abordassem a condição da mulher, Gilberto Freyre celebrou em “Sobrados e mucambos”, a figura da mulher, mesmo tendo negligenciado a mulher branca e pobre, retratou de forma inovadora a imagem feminina, construída pela classe dominante, que era a masculina.

Suas observações sobre a sociedade patriarcal associada às novas concepções historiográficas, permitiram o entendimento das formas de participação das mulheres na história. Das mais variadas formas as mulheres contribuíram para a formação da sociedade brasileira, mesmo as representadas por Freyre, com relações de submissão, mantinham influência constante sobre os homens, participando, mesmo que indiretamente, das funções públicas.

As concepções conservadoras do patriarcalismo uniram-se às influências estrangeiras, formando uma sociedade, que mesmo fruto da penetração de diversas culturas, apresentou particularidades em suas definições. O povo brasileiro saiu das casas-grandes e senzalas para ocupar os sobrados e mucambos, alterando não só seus modos de vida como também sua cultura. Um país patriarcalista e escravocrata passou a urbano e variado na sua composição étnica e cultural.

Toda a obra de Gilberto Freyre tratou as concepções que levaram a formação do povo brasileiro, formulando uma identidade nacional reconhecida na miscigenação de raça, fator que superou a diferenciação entre as culturas. As observações do autor trouxeram para este trabalho o imaginário que permeava a figura feminina. Além disso, contribuiu para entender de que forma essas mulheres se adaptaram as mudanças verificadas nas sociedades do século XVIII e XIX.

Em seus diversos papéis sociais, seja como mãe, mulher, mucama ou escrava, seja negra ou branca, rica ou pobre, foram mantidas ocultas pela historiografia até por volta da década de 1970. Com o advento de uma nova historiografia foi possível analisar mais criticamente as fontes e a partir daí formular, ou mesmo reformular, a questão da participação feminina na história.

Suas abordagens sobre a vida cotidiana do povo brasileiro e seus estudos sobre aspectos da história social, atribuíram a todas as suas obras não só uma característica inovadora, como também, contribuíram para o avanço nos estudos historiográficos sobre a formação da sociedade brasileira. A maioria dos historiadores consagra o trabalho de Freyre e o reconhecem como um dos maiores historiadores brasileiros, enquanto outros atribuem críticas ao seu trabalho, considerando-o limitado as observações de fatos do cotidiano, provocando, muitas vezes, generalizações de conduta, principalmente com relação às mulheres.

Suas análises têm como centro de abordagem as relações familiares que se constituem na sociedade brasileira, desde a colonização, com padrões de conduta que se modificam segundo as influências culturais absorvidas ao longo dos séculos.

Assim observamos que a obra de Gilberto Freyre abordada neste trabalho, não encerra todas as possíveis construções do conhecimento histórico em relação ao comportamento feminino na sociedade brasileira, entre o final do século XVIII e início do século XIX. A ascensão do mulato, o processo de miscigenação, a visão psicanalítica de Freyre sobre os aspectos do cotidiano, suas considerações sobre os trópicos, entre outros, são temas que podem ser estudados em pesquisas futuras.

FONTE E BIBLIOGRAFIA

Fonte

FREYRE, Gilberto. Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 15 ed. São Paulo: Global, 2004.

Bibliografia

ARRAIS, Raimundo. O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BENCHIMOL, Samuel. O "encantamento" de Gilberto Freyre. Ciência & Trópico. Recife, n. 15, v. 2, p. 165-168, jul./dez. 1987

BRIGGS, Asa. Gilberto Freyre e o estudo da história social. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. p. 27-41.

BURITY, Glauce Maria Navarro. A mulher na obra de Gilberto Freyre. João Pessoa: Fundação Espaço Cultural da Paraíba, 1988. 19 p. BURKE, Peter. Gilberto Freyre e a nova história. Tempo Social. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 1-12, out. 1997.

DUBY, George (dir). História das mulheres no Ocidente. São Paulo: Ebradil, 1991.p.409-571.v.3.

FREYRE, Gilberto. Modos de homem e modas de mulher.2 .ed.Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. Casa-grande e senzala. 46 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. 569p.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon (org). Gilberto Freyre em quatro tempos. Bauru: UDUSC, 2003. 380p.

LEITE, Miriam Moreira Lifchitz. Livros de viagem (1803-1900). Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: HUCITEC, 1984.

NONATO, R. A hierarquia da "casa grande" nos domínios da formação brasileira. Bando. Natal, n. 5, v. 6, p. 17-24, 1954.

PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

PRIORE, Mary Del. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). História brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto. 5.ed, 2003.

QUINTAS, Fátima (org.). Evocações e interpretações de Gilberto Freyre. Recife: Massangana, 2003. 424p

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org) A escrita da História: Novas perspectivas. São Paulo: Unesp. 1992.

SILVA, Maria Odila Leite. Quotidiano e poder em São Paulo no Século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion (Org.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOUZA, Laura de Melo e (org.); Novais, Fernando A. História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das letras, 1997.p.84-154.v.1.